

OS CARIJÓS DO LITORAL MERIDIONAL DO BRASIL UM ESPELHO PARA OS ARQUEÓLOGOS OLHAREM OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

*Pedro Ignácio Schmitz¹
Jairo Henrique Rogge²*

Recebido em 04.10.2017; Aceito 09.10.2017.

Resumo

O artigo estuda relatos de missionários jesuítas dos índios Carijó, da família linguística Tupi-Guarani, do sul do Brasil no começo do século XVII em busca de elementos históricos e culturais que, guardados os necessários cuidados de leitura, possam ajudar na compreensão dos sítios e materiais arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani da região, que parecem recentes, permitindo uma analogia direta. A própria sede da passageira missão foi parcialmente escavada e seu material não parece apresentar notáveis diferenças com os demais sítios arqueológicos.

Palavras-chave: missionários jesuítas, índios Carijó, Brasil Meridional, analogia direta.

Abstract

The paper studies reports of Jesuit missionaries about the South Brazilian Carijó Indians, of the Tupi-Guarani linguistic Family, of the 17th century, in search of historic and cultural elements, which may, with the necessary cautions, contribute to better understanding of the local archaeological sites and materials of the Tupiguarani ceramic tradition, which seem recent, allowing a direct analogy. The headquarter of the ephemeral mission was excavated and the material seems not to differ from the other regional archaeological sites.

Kew Words: Jesuit missionaries, Carijó Indians, South Brazil, direct analogy.

Introdução

A razão deste capítulo é criar uma imagem do indígena Carijó dos primeiros séculos da conquista portuguesa usando relatórios de jesuítas que os missionaram, o P. Jerônimo Rodrigues, de 1605 a 1607 (Leite, 1940) e o P. Inácio de Sequeira, em 1635 (Leite, 1945). Estes não são os únicos jesuítas que estiveram entre eles, mas os que oferecem mais abundantes informações. Para conhecer a ação desses missionários entre os Carijós do litoral meridional do Brasil, além das diversas publicações de Serafim Leite, é importante a tese de doutorado de Beatriz Vasconcelos Franzen (1998).

Na leitura dos relatórios convém tomar em consideração que se trata de religiosos, nascidos em Portugal, que vieram para civilizar as populações indígenas e incorporá-las ao império português, que competem, nessa atividade, com os colonos que desejam estes índios nas suas fazendas. Eles escrevem para companheiros que partilham a mesma visão e convicção, em um tempo em que as populações indígenas ainda são mal conhecidas e a Ciência ainda não estabeleceu os critérios de leitura para esses textos.

1 Professor da Unisinos. Pesquisador sênior do CNPq, e-mail: anchietano@unisinos.br.

2 Professor da Unisinos. Bolsista de Produtividade PQ2/ CNPq, e-mail: rogge@unisinos.br.

Mesmo assim, as informações ali registradas podem ser usadas como espelho para entender os esqueletos arqueológicos dessa cultura no Sudeste de Santa Catarina e Nordeste do Rio Grande do Sul.

Os Carijós pertenciam à família linguística Tupi-Guarani; os sítios arqueológicos à tradição Guarani. A colonização da área por populações Guarani, segundo os arqueólogos, é recente, a partir do século XV ou XVI; assim, os Carijós, retratados pelos missionários no começo do século XVII, podem ser considerados representantes verdadeiros dessa colonização indígena.

Os sítios arqueológicos da tradição Guarani estudados na área, são numerosos e são vários os aspectos abordados: ecologia, implantação e organização dos sítios, tecnologia dos artefatos cerâmicos e líticos, alimentação incluindo canibalismo, contatos com outros grupos e cronologia. Os autores principais nesse registro, no sudeste de Santa Catarina, são Rohr (1969), UNESCO (1999), Lino (2007), Milheira (2008, 2014); no litoral nordeste do Rio Grande do Sul: Schmitz (1958), Miller (1967), Becker (2007, 2008), Schmitz; Sandrin (2009), Wagner (2004, 2014), Neumann (2014), Mergen (2016); no litoral médio: Mentz Ribeiro (2004), Schmitz, coord. (2006); Pestana (2007), Rogge (2014); na lagoa dos Patos, lago Guaíba e Serra do Sudeste: Miller (1967), Gazzaneo (1990); Carle (1998), Gaulier (2001-2002), Noelli (2003), Rosa (2006, 2010), Milheira (2014), Dias; Batista (2014), Nunes; Schmitz (2017); no vale do rio dos Sinos: Miller (1967), Dias (2003), Dias (2015, 2016); no vale do rio Caí: Mentz Ribeiro (1968). A pesquisa do vale do rio dos Sinos, sob a coordenação de Schmitz, visa acrescentar mais um estudo à área.

Em vários trabalhos, especialmente para o litoral sudeste de Santa Catarina foram utilizados relatos de jesuítas que missionaram os guaranis da área no começo do século XVII. Pretende-se usar os relatos também para o nordeste do Rio Grande do Sul, onde, segundo os jesuítas, viviam os mesmos guaranis. Estes relatos servem para matizar e complementar os dados de Antônio Ruiz de Montoya, missionário espanhol da Província do Paraguai, geralmente usados para compreender os sítios e seus materiais (Noelli, 1993; La Sálvia; Brochado, 1989, entre muitos outros).

Nesses relatos são encontradas informações importantes sobre os líderes do território; aldeias e casas; matrimônio e família; vestuário e ornamentos; abastecimento alimentar: roças, cultivos anuais, caça, pesca, preparação dos alimentos, artefatos; sociabilidade: bebedeiras, sacrifício de prisioneiro; xamãs.

Não há menções explícitas para a cerâmica, embora ela seja suposta para o cozimento dos alimentos. Também estão ausentes outros elementos, do interesse imediato dos arqueólogos, como o sepultamento de mortos, mas que podem ser lidos nas entrelinhas. No decorrer do texto destacamos alguns.

Os Carijós, as ações dos colonizadores

Os primeiros excertos buscam a caracterização do grupo indígena e sua divisão; a ação dos missionários e dos escravizadores. A grafia do português foi atualizada.

“É esta nação dos Carijós a última, de todas as do Brasil, que habita para o Sul, e aquela onde fenece a conquista da Coroa de Portugal, das mil e cento e sessenta léguas, que domina por costa, começando do Grão Rio Pará, até o Rio da Prata, chamado Paraguai. Estende-se o distrito deste gentio, por espaço de cento e sessenta léguas por costa, que corre de Nordeste a Sudoeste, que tantas se contam desta Ilha de Santa Catarina até o Rio da Prata e vai entestar com os Charruas; e, de Oriente a Poente, ficam metidos os Carijós entre dois paralelos, que os cingem pelo Oriente o mar oceano, e pelo Poente uma nação mui fera de Tapuias, que

chamam Guaianás. Assim viveram sempre os Carijós fechados, sem nunca poderem ganhar mais terra que a em que nasceram, porque o mar antes a come que não dá, e os Guaianás defendem a sua como cavaleiros, que na verdade são mui esforçados. Contudo não é esta manta de terra tão estreita que se não alargue a lugares por espaço de cento e cinquenta léguas.” (Leite, 1945: 495).

“Há outros que chamam Carijós. Estes são mais domésticos e polícticos porque homens e mulheres trazem suas tipoias de algodão que são ao modo aliviária mourisca, têm suas casas em que vivem, prantam mandioca e legumes, têm boa aparência e graça exterior, e há entre eles alguns tão bem proporcionados como quaisquer Europeus. Alguns destes vieram para os Padres e vêm descendo milhares deles, os quais foram buscar dois Padres, por ordem do P. Visitador.” (Leite, 1949: 396) [Padre Jácome Monteiro, referindo-se aos Carijós da Capitania de São Paulo e comentando a ação dos padres da missão de Dom Rodrigo, Imbituba, que, em 1607 e 1635, levaram para aldeias do Rio de Janeiro os sobreviventes, quando a missão foi abandonada.]

Os Carijós do século XVII são conhecidos por vários nomes: Os Carijós do mar; os *Aabuçus*, que habitavam das serranias para o interior, os Carijós do Sertão, mais para o interior (Simão de Vasconcelos, in Leite, 1945: 479, nota).

Eles sofriam duas ações simultâneas de incorporação ao Império Português: a missão dos jesuítas do Rio de Janeiro, que os catequizaram na área e também levaram grupos para formar aldeias junto à Baía da Guanabara; os paulistas que diziam ter levado cento e vinte mil carijós (aí certamente incluídos os que foram missionados pelos jesuítas espanhóis na bacia do Prata) para o serviço dos colonos e venda a outros mercados necessitados de mão-de-obra por deficiência de escravos africanos. Com isso desapareceu a população indígena do litoral e o espaço foi sendo ocupado por colonos de origem europeia, vindos de mais ao norte da colônia ou diretamente da metrópole.

Os jesuítas formaram uma missão em Imbituba, no Porto Dom Rodrigo, SC, que durou de 1605 a 1607 e voltaram a ela em 1635 por breve tempo. As escavações realizadas pela UNESCO (1999) em Imbituba, no provável local da missão jesuítica, podem oferecer elementos comprovantes da atividade e história missionária.

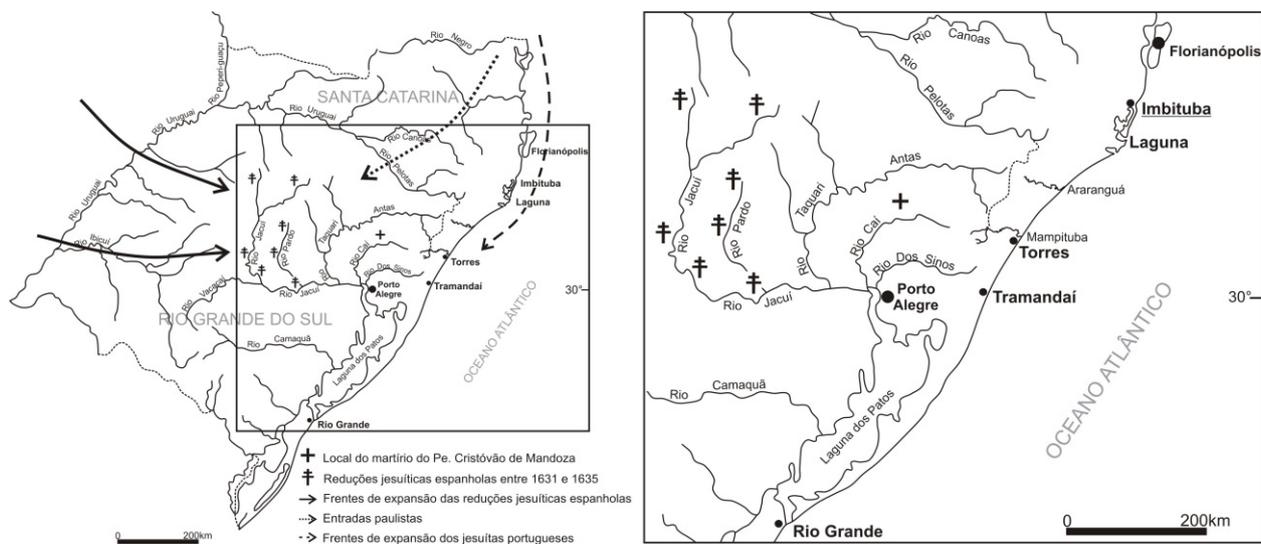


Figura 1. Mapa do Sul do Brasil mostrando a fronteira da colonização castelhana e da colonização lusa no começo do século XVII. Do lado castelhana a implantação de numerosas reduções; do lado português a captura de índios para o mercado de escravos e a organização de uma missão. A fronteira estaria entre o rio Caí e o Taquari, onde foi morto o missionário Cristóvão de Mendoza.

Em 1619 João Fernandes Gato e João de Almeida fizeram contato com os índios Tubarão, Papagaio e Anjo do Sertão do Rio Grande; em 1622 foi criada a Aldeia dos Patos; em 1626 a Aldeia do Caibi, que Franzen (1998: 107) coloca no vale do rio Caí. Poucas informações existem sobre elas.

Segundo Leite (1945: 480, nota de rodapé), os Padres estiveram com certeza no Rio Grande do Sul, no itinerário sempre em direção austral até Mampituba, que foi Laguna, Tubarão, Araranguá, Boipetiba (atual Mampituba) e Arachãs, que ficavam ao Sul de Tramandaí, pondo-se em contato com o Anjo do Sertão do Rio Grande, e, numa descida, tentaram uma missão na altura de Tramandaí, RS, mas os escravagistas foram mais rápidos e levaram estes índios para São Paulo, antes que os padres voltassem no ano seguinte.

Em sítios arqueológicos da região de Tramandaí foram encontradas contas venezianas, que eram muito usadas para o escambo, e outros objetos que testemunham o contato com o colonizador escravagista ou missionário. (Schmitz, 1958).

Como os jesuítas, também os paulistas tinham seu mais importante posto de concentração em Laguna, onde seus emissários reuniam índios provenientes de toda a área, desde a Lagoa dos Patos no Sul ao rio Caí no Oeste.

Jerônimo Rodrigues informa que, no ano em que estava na missão em Imbituba, se encontravam ancorados na Laguna 62 embarcações de portugueses: 15 navios de alto bordo, e as demais, canoas mui possantes, que, pelo porte das embarcações, esperavam levar acima de 12.000 carijós. (Leite, 1945: 505).

Lideranças indígenas

O território dos Carijós não era uma sociedade amorfa, mas dividida entre líderes locais, que o cronista, devido à variada ação dos mesmos, incluindo a religiosa, denomina feiticeiros, uma forma bastante comum entre os missionários do tempo para caracterizar estas lideranças. O autor os descreve em seu terceiro gênero de feiticeiros. Os dois primeiros gêneros correspondem melhor ao conceito de xamã e, por isso, deles falaremos no final do artigo.

Eles se caracterizam por sua origem diferente, por seu conhecimento, por seu comportamento, pelo domínio que exercem e submissão e veneração que recebem. Eles são os intermediários dos índios com o colonizador, tanto missionário, como traficante.

Os cronistas falam especialmente daqueles com os quais interagiram diretamente no seu campo de missão e dos intermediários da escravidão para os portugueses. Mas também se referem a diversos outros líderes, com os quais não agiram diretamente, mas que atuaram no amplo território carijó. Falam das desavenças entre eles, da defesa dos seus espaços e súditos, da hereditariedade da posição. Lendo seus relatos não é fácil identificar todas estas personagens pelos diferentes nomes que lhes dão e a vagueza dos lugares em que teriam atuado. O importante para a arqueologia é entender que a sociedade não era amorfa e estacionária, mas muito dinâmica. Não se indicam lideranças para as aldeias. Em que medida os territórios atribuídos às lideranças descritas estão materializados em espaços, aldeias, casas, objetos que responderiam ao conceito Tekohá é uma questão para os arqueólogos responderem.

“O terceiro gênero de feiticeiros é daqueles que fazem crer ao povo que são filhos de Anjos e não têm Pai na terra. ... Este terceiro gênero de feiticeiros, nenhuma nação do Brasil os tem senão os Carijós, e agora o seu Príncipe, que os governa a todos, é um muito assinalado em profecias e por isso estranhamente obedecido e adorado. Reside nas ribeiras de um rio, chamado por excelência o Rio Grande (a Lagoa dos Patos?); aqui é venerado e visitado de toda a província e de

todas as novidades que se colhem, se lhe oferecem as primícias como a um Melquisedék.” (Leite, 1945: 500).

“... se há de notar que toda esta província dos Carijós estava dividida em dois senhores idólatras, que a seu querer, a governavam. O primeiro é o Anjo, de que já falamos, que por nome se diz também Ara Abaeté, que quer dizer ‘Dia do Juízo’. O outro era um Índio parente, mui chegado do mesmo Anjo, chamado Marunaguaçu, que quer dizer o ‘Grande Papagaio’. E como o Anjo voou mais nas asas da feitiçaria, que o ‘Papagaio’ nas suas, ficou o ‘Dia do Juízo’ mais temido e venerado e ainda acrescentado no ajuntamento das gentes pela superstição do bafo santo, que não o ‘Papagaio’ pela voz, posto que a tem por ao natural mui elegante; mas como na repartição das terras lhe coube a parte do Norte, que fica mais vizinha ao comércio dos Portugueses, com o trato destes lhe foi crescendo tanto o bico, que por seu meio estava já mui venerado e temido de seus vassallos e pouco afeiçoado aos Padres da Companhia, e por seu meio tiraram os mesmos Portugueses (segundo eles confessam) acima de cento e vinte mil Carijós ...

Foi sempre este Índio tão amigo e benemérito dos Brancos, que na verdade se podia dizer do ‘Papagaio’ que era real para Portugueses, porque ele foi o que em tudo os sustentava e lhes dava de graça seus mantimentos por espaço de vinte anos, mantendo-lhes mesa todos os dias. ... A causa disto foi que enquanto o ‘Papagaio’ teve junto a si muitas povoações e aldeias de sua gente, fazia algumas entradas, levando consigo bons guerreiros, nas terras dos Guaianás, e com ciladas que lhes armavam trazia alguns deles cativos, para conforme a sua brutal fereza matarem em terreiro, armando-se cavaleiros, e depois desta solenidade os comiam em ódio e vingança, por serem inimicíssimos seus.” (Leite, 1945: 508-509).

“Estes feiticeiros se chamam Carabebe [homem que voa], que quer dizer o mesmo que Anjos. E por este nome se nomeia este, ainda que enquanto homem, (500) também se nomeia Araabaeté que vale o mesmo que ‘Dia do Juízo’. Este não tem mais que uma só mulher, e estranha muito aos seus vassallos usarem de tão grande multidão que todos têm. Preza-se muito de ser amigo dos Padres da Companhia, e assim nos faz mercê de nos comunicar seu nome e chamar-nos Anjos. A intenção, que todos os Carijós têm, em oferecer estas primícias e virem dos fins de todo o Reino, a obedecer-lhe, não é outra mais senão por que ele os bafeje, porque tem em seu bafo tanto que firmemente creem que qualquer pessoa, que por ele for bafejada, leva para sua casa todas as boas fadas, e muitos anos de vida, além daqueles que ordinariamente houvera de viver. É tanto isto assim, que os Carijós Cristãos, que entre nós residem, se à sua pátria tornam, por nenhum caso perdem os perdões do bafo santo. ... E até as nossas missões, que fazemos às suas terras, tanque partimos de nosso distrito e começamos a navegar, o Anjo, lá onde reside, as vai revelando aos seus, dia por dia, com os portos que tomamos e alturas em que demoramos, mais certo, que se ele fora na popa do navio com o astrolábio na mão.” (Leite, 1945: 501).

“Quando chegamos à Aldeia [de Porto Rodrigo, Imbituba], onde estava a gente que havíamos de trazer [para o Rio de Janeiro], achamos nele um filho deste Anjo, chamado Ocara Abaeté que se interpreta ‘Terreiro Espantoso’. Este não é o herdeiro do Estado, porque tem outro mais velho, porém no espírito das profecias é este muito semelhante a seu Pai, o que ele mandara que nos viesse esperar, dando-lhe uma aldeia de gente, para que com ela lhe tivesse feitos mantimentos para que quando seu Pai, o Anjo, nos viesse ver, tivesse com que sustentar a gente de seu acompanhamento.” (Leite, 1945: 502).

“... Vinha o nosso ‘Terreiro Espantoso’ fazendo seu caminho, das terras de seu Pai, para a nossa aldeia [de Imbituba], saiu-lhe ao encontro um famoso cossairo chamado Itapari, e tomou-lhe alguma gente da que seu Pai lhe dera. O ‘Terreiro’ se viu muito embaraçado. Não lhe ocorrendo modo para se defender, lhe foi forçado a valer-se dos amigos, mestres seus, os quais como tais lhe trouxeram logo dois tigres, que ele largou no alcance do Itapari, e o foram seguindo pelo mato e lhe mataram seis homens, o que vendo Itapari, temendo-se que os galgos do ‘Terreiro’ empolgassem nele antes que garrasse o seteno, despediu embaixadores, pedindo ao ‘Terreiro’ que lhe levantasse aquele interdito de lugar, que o ia seguindo mais que a excomunhão; o que ele fez, mandando logo recolher os tigres, e com este caso ficou mais respeitado que um Papa, e não houve mais lobos que lhe assaltassem as ovelhas com temor dos rafeiros. (Itapari deve ser, em grafia tupi, o famoso e terrível feiticeiro Iapari que fazia parte da ‘Junta’ de feiticeiros, inimigos das Reduções do Tape em 1635 e que fazia crer aos Índios, que era ‘morto ressuscitado’. (Aurélio Porto, História das Missões Orientais do Uruguai, 1943: 77.” (Leite, 1945: 503).

“Aqui achamos ao nosso embaixador, filho do Anjo, o ‘Terreiro Espantoso’, espantosamente varrido de toda a gente, que seu Pai lhe dera, e o sarampão lhe matara. ... contudo ele e sua mulher e dois filhinhos, netos e filhos de Anjos, pelo nome, mas eles o pareciam mais pela natureza e inocência, dos quais o mais velho é certo que, à maneira de Anjo, nunca mamou leite dos peitos de sua mãe nem de outra mulher, e nasceu com todos os dentes. E perguntando nós à mãe, que é uma índia muito principal e de respeito, como criara o menino se não lhe dera leite, respondeu que com mel, papinhas e outras potagens, mas que nunca lhe quisera tomar o peito nem doutra mulher.” (Leite, 1945: 506-507).

O missionário não se detém no sepultamento dos mortos do sarampo. A Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, em 1999, fez consideráveis escavações no lugar, que se acredita a sede da missão. Ali apareciam diversas manchas de terra escura representando bases de choupanas, com abundante cerâmica típica e artefatos comuns aos sítios da tradição Guarani. Dentro das manchas ou em sua proximidade foram escavados, na ocasião, sete sepultamentos, seis em urnas cerâmicas e um estendido na terra com a cabeça e o peito cobertos por grande vasilha cerâmica. As peças usadas como urnas, suas tampas e os acompanhamentos não eram novas, mas tomadas do vasilhame usado na preparação de alimentos e bebidas e nem sempre estavam inteiras. Dois sepultamentos tinham associadas lâminas polidas de machado e pequenos recipientes; um deles também um tembetá. Um sepultamento era de uma criança acompanhada de dois colares feitos com carapaças de moluscos marinhos; a dois sepultamentos, provavelmente de adultos, estava ostensivamente associada cerâmica da tradição cerâmica Taquara, clara referência a interação, pacífica ou conflitiva, com os grupos Jê do planalto. Pode-se entender que os corpos dos homens venham acompanhados por machados porque eles tinham vindo para a sede da missão com a incumbência de criar uma aldeia com suficientes recursos para a chegada do grande chefe, pai do que os coordenava no local, como vimos em trecho anterior. Como só houve escavações parciais no sítio, é provável que haja mais sepultamentos resultantes do sarampo de 1607 e de outras mortes nos dois anos da missão.

“Deste porto [Dom Rodrigo] tornamos a mandar o nosso ‘Terreiro Espantoso’, com seu primo Maurício, com uma embaixada a seu Pai e tio Anjo, com intenção de sabermos em que estado ficava, pois não era possível podê-lo ver nesta viagem, e

para isso lhe demos algumas peças para lhe oferecer da nossa parte, animando-os a perseverar em seus intentos. Moveu-nos a isto, sabermos dos Portugueses, neste tempo, como havia um mês que os Carijós, nos confins de sua Província, para a parte do Ocidente, tinham morto um nosso Padre, que do Peru viera, entrando pelo sertão dos Carijós, perguntando pelos Padres Portugueses, com grande desejo de se ajuntar conosco, com intenção de colhermos no meio aquela grande gentildade, cercado este Novo Mundo, eles pelo Ocidente e nós pelo Oriente, e convertermos a Deus até os mesmos Anjos, que ainda não estão confirmados em graça. ... como o Padre entrou com mais estrondo, mandando seus embaixadores ao Anjo, com vara e alçada, sentiram muito os Carijós verem entrar os Índios, que o Padre mandava tratar de pazes com varas de justiça levantadas, pelo que mandou o Anjo dizer ao Padre que ele estava esperando pelos Padres Portugueses e com os Castelhanos não queria trato nem comércio, que sua Reverência se podia tornar, porque não causasse alguma alteração nos seus Carijós. E cuidando o Padre que esta resposta era fingida pelos seus, pelo temor e receio com que os via, por não quererem entrar mais dentro pelas terras dos Carijós, repreendendo-os muito e vindo com eles na dianteira, fez voltar os seus, sobre os quais vieram carregando os Carijós e mataram quase todos os Índios do Padre e ao mesmo Padre, entre eles. (26 de abril de 1635). Este foi o motivo para tornarmos a mandar o filho e sobrinho ao Anjo, para que não cuidasse que nós pela morte de nosso Padre estávamos contra ele, ressentidos, e para isso lhe mandamos franquear a passagem aos receios, dizendo-lhe que bem alcançávamos que fora o caso mais ímpeto e paixão de seus vassallos, que eram homens, que não por mandado nem vontade de um Rei, que era Anjo.” (Leite, 1945: 518-519). [Trata-se da morte do padre Cristóvão de Mendoza, no Ibia, no vale do rio Caí, ver Porto, 1943].

[Moradores de São Vicente e Cananeia mandam] “... recados a seus compadres, como foram ao grande ‘Tubarão’ e por outro nome ‘Trovão’, senhor das chuvas e tempestades, o qual se intitula senhor de todas aquelas terras e mais dos Arachãs, e terras dos castelhanos até Santa Catarina, grande feiticeiro, que diz que sabe as coisas antes que sucedam e que Deus lhas diz; e, assim, que Deus lhe dissera como nós havíamos de ir lá, mas que lhe não dissera havia de vir conosco. Faz-se também senhor do peixe, e ele manda de lá o que cá vem aos brancos. O mesmo foi ao ‘Conta-Larga’ e ao ‘Papagaio’ e ao ‘Grande Anjo’ (Carai-bebe), outro grande principal de lá, do meio do sertão, grande feiticeiro; este, dizem eles que não nasceu de mulher. Dá filhos e o mais que lhe pedem. E assim o temem e obedecem a qualquer recadinho.” (Leite, 1945: 478- 479).

“Contudo, foi Deus servido que chegaram os ditos Padres ao sertão, onde foram recebidos de todos os gentios com muita festa e regozijo de todos eles, como de todos os principais, assim dos que habitam, vizinhos da Ilha de Santa Catarina, como os de todo o circuito da Lagoa que chamam Patos do Grande Tubarão, que é como o principal e rei de todos eles, assim Arachãs como de todos os mais porque todos estão a seu mandado e obedecem a seu aceno.” (Leite, 1945: 477).

“E porque o mais afamado índio que cá há, que é um grande ladrão, salteador de brancos e grande vendedor de seus parentes, estava dali a cinco ou seis léguas, que havia vindo de outro rio, que chamam Boipitiba ... E já neste tempo este índio esperava por nós, por lhe haverem dito como nós íamos.

... Daqui fomos a Ararungá e a Boipetiba, que é a derradeira Aldeia a que os brancos vão... desta última Aldeia foi nossa fala ao Anjo, outro grande principal do Sertão do Rio Grande; aos Arachãs, dos quais tivemos fala que se juntaram em um

campo mais de mil frecheiros, aos quais também pregamos e demos notícia de nossa Santa Fé.” (Leite, 1945: 477-478).

“Agora tivemos novas que um principal Arachã se desconcertara com os brancos, acerca do resgate...” (Leite, 1940: 245).

Aldeias e casas

Os missionários vindos do Rio de Janeiro chegam a Imbituba para estabelecer uma missão. Descrevem as aldeias, sua dispersão, o número de moradores, as casas, seu material construtivo, as condições das vivendas e as pragas. São dados fundamentais para caracterização dos sítios arqueológicos. As inúmeras pragas podem ter inviabilizado o uso das casas depois de certo tempo e seu precoce abandono.

O sítio da missão tornou-se o maior aglomerado da área porque as duas casas existentes quando os missionários chegaram em 1605, foram acrescidas de construções da missão e de famílias indígenas, que se acercaram, como as do Terreiro Espantoso, como vimos acima.

“E nos fomos para a aldeia. ... E assim nos metemos na primeira casa da primeira aldeia, que segunda nem terceira e outra alguma tinha. E assim são cá todas as aldeias, de maneira que, a uma casa, chamam uma aldeia. E esta não tinha dentro em si mais de três moradores, ou para melhor dizer três casais com três ou quatro filhos.” (Leite, 1940: 216-217).

“E nos fomos à quarta aldeia, que tinha duas casinhas, com alguns 9 ou 10 moradores [umas 40 a 50 pessoas]. E nesta fizemos nossa morada e igreja, por ser maior, e haver nela alguns cristãos antigos, que uns Frades, a quem Deus perdoe, haverá 50 anos pouco mais ou menos fizeram Cristãos, deixando-os sem doutrina, em seus vícios e desventuras. E todos estavam amancebados e cheios de filhos, com diversas mulheres. E assim, chegados a ela, e não achando em que nos agasalhar, havendo já cinco ou seis dias, que tínhamos mandado recado diante, nos foi forçado a metermo-nos em uma casa dos índios, aonde o que passamos de fome, frio, pulgas, grilos, baratas e outras imundícies só Deus Nosso Senhor sabe. E se me perguntarem a causa desta fome, dizem os índios que foi lagarta, e andarem juntamente escondidos e metidos pelos matos, com medo dos brancos...” (Leite, 1940: 217-218).

“As casas dos índios, como não haja terra [para fazer taipa], são todas de jeçara [yuçara = uma palmeira] a pique. E assim dizíamos muitas vezes missa com a porta fechada, e comíamos sem abrir a porta, vendo da mesa quantos passavam e o mesmo nos viam de fora. E como os ventos cá são grandíssimos de dia nem noite estávamos sem ele.” (Leite, 1940: 237).

“Em Imbituba eram ao todo cinco [casas], depois de se ajuntarem alguns conosco; passavam meses e meses, que não entrávamos nelas, por não ser necessário.” (Leite, 1940: 228).

“Há nesta terra grandíssimo número de imundícies, scilicet, bichos dos pés e muito mais pequenos que os de lá, de que todos andam cheios. E alguns meninos trazem os dedinhos das mãos, que é uma piedade, sem haver quem lhos tire. ... Pulgas não se pode crer, se se não experimentar, como nós experimentamos estes dois anos, assim no verão, como no inverno, porque grande parte do dia, se nos ia em matar pulgas.” (Leite, 1940: 237).

“... tudo era matar pulgas e tirar bichos...” (Leite, 1940: 228).

“Além desta, há outra praga de grilos que nos destruíram os vestidos e livros, e são tantos, que matando cada dia grandíssima multidão, um dia por curiosidade quis contar os que tomamos e contei quinhentos e tantos...” (Leite, 1940: 238).

“Mas sobre tudo isto as baratas, que havia, não se pode crer, porque o altar, a mesa, a comida, e tudo, era cheio delas.” (Leite, 1940: 238).

“Em todas as coisas são sujíssimos. Na própria fonte, donde bebem, lavam os pés, lavam peixe, as redes.” (Leite, 1940: 232).

Matrimônio e família

O missionário também fala da família, que ele não entende e por isso não consegue descrever corretamente. Ele ainda não conhece as regras de parentesco vigentes entre os guaranis e suas formas de casamento preferencial entre o tio e a(s) sobrinha(s), filha(s) de sua(s) irmã(s), além da posse de mulheres como forma de promoção social.

“No vício da carne são sujíssimos, scilicet, têm muitas mulheres, têm as sobrinhas por mulheres, duas irmãs são madrastras, as filhas das mulheres, suas enteadas, têm também por mulheres, as netas, filhas de suas verdadeiras filhas, e alguns têm por mulheres as próprias filhas. E o que mais espanta [é] haver índia que tem dois maridos, e destas muitas; e ambos estão juntos com elas.” (Leite, 1940: 232)

“O pai do inocente Fernando, que é o senhor daquela aldeia, não havendo nela mais que ele e um seu genro, nos mandou convidar por uma, de quatro mulheres que tem, com obra de um punhado de farinha, e uns pequenos feijões bem sujos e escuros, que os não enxergávamos, que certifico a todos os que isto lerem que não sei se manjar branco soubera tão bem.” (Leite, 1940: 216).

Vestuário, ornamentação e objetos de uso

A descrição que temos aqui, do missionário à frente da realidade, é mais detalhada que a do P. Jácome Monteiro, que faz uma apresentação geral das coisas brasileiras. A ornamentação é bem detalhada na matança do prisioneiro, mais adiante.

“É gente comumente de maior estatura que os de lá; andam cobertos com pelejos de coiros de veado ou de ratos de água, tamanhos como pacas, mas não trazem estes pelejos por via de honestidade, senão por causa dos muitos frios, e dos grandíssimos ventos que todo ano há. São do tamanho de um cobertor pequeno; trazem-nos às costas, e a dianteira descoberta. Quando não faz tanto frio andam nus. As mulheres, grandes e pequenas, trazem tipoias; e ainda que algumas vezes andam nuas, contudo, diante de nós, nem à igreja, vêm nuas, ainda que seja uma menina de 4 anos. É a mais pobre gente que há no mundo, falo deste daqui, porque nem peles, nem redes, nem tipoias, nem fio, nem arcos, nem frechas, tudo isto lhes trazem os Arachãs.” (Leite, 1940: 229-230).

“... têm muita contaria, e, assim, em suas festas, andam carregados delas. As mulheres as trazem nos pés e nos colos das mãos, e nos buchos dos braços, e ao pescoço, e às vezes tantas que as faz andar com o pescoço baixo com o peso ...” (Leite, 1940: 240).

Numa urna escavada pela UNESCO estava sepultada uma criança com dois grandes colares.

“Todas suas riquezas e felicidade é terem muitos cabaços e muitas cuias, e assim entrar em suas casas é entrar em uma tenda, mas de cabaços.” (Leite, 1940: 239).

Numa leitura direta entende-se que o missionário está falando de recipientes vegetais do gênero *Lagenaria*. O mesmo fica explícito quando, em texto abaixo, ele fala das abóboras e de porongos nos quais recolhem mantimentos guardam seus ornamentos, pelos quais têm enorme apreço. Certamente eles chamaram muita atenção por sua novidade e abundância e decoração. A pergunta é se nesses cabaços e cuias estariam incluídos os recipientes cerâmicos, que também seriam numerosos nas casas como demonstram as escavações feitas pela UNESCO (1999). Aparentemente estes não chamaram a atenção do missionário por serem comuns em todos os grupos pelos quais eles tinham passado. As afirmações do missionário sobre a abundância de cabaços e cuias, repetidas em várias passagens, são importantes para relativizar o valor da cerâmica, muitas vezes única materialidade restante de suas casas, junto com alguns objetos líticos.

Em algum momento, nos textos citados, há menção a canoas indígenas, redes de dormir e tipoiás. Mais objetos aparecem na festa da matança do prisioneiro: tripeça (assento), tacape, cordas, alguidares, gamelas, cuias, cabaças, cuiaba, colares e adornos plumários.

O abastecimento alimentar: roças, cultivos anuais, caça, pesca, manipulação dos alimentos

Neste item são apresentadas informações importantes sobre as plantas cultivadas, o preparo do terreno, a estacionalidade das colheitas, a preparação da caça, da pesca, da mandioca (a mandioca puba). Esta última informação ajuda a explicar porque, mesmo cultivando e plantando mandioca, não aparecem os torradores que, em outras regiões, são usados para preparar a farinha e o beiju.

“... E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabando de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coivara nem fazem covas para a mandioca; mas com o cabo de cunha com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e ali metem o pau de mandioca; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco. E pera uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com ele na terra; e assim machucado e ferido, o mete.” (Leite, 1940: 235).

“Têm o ano repartido em quatro partes, scilicet três meses comem milho [fim da primavera e começo do verão], outros três, favas e aboboras [alto verão], outros três alguma mandioca [outono], outros três [inverno] comem farinha de uma certa palmeirinha, que é assaz de fome e miséria. E tudo isto lhes nasce de pura preguiça, e de se contentarem com comerem quanta sujidade há. As abóboras, aipis, batatas, comem com tripas, pevides e casca, e tudo quentíssimo. E por nenhuma via se lhe há de perder coisa que no chão lhes cáia, ainda que seja um grão de milho, ou feijão: tudo hão de alevantar e comer, quer seja seu, quer alheio. Nenhum comer comem por gosto, senão por encher a barriga. E assim têm dentes danados por comer tudo quentíssimo e cheio de areia. Não comem mingau, nem pimentas, nem juquiãia [molho de sal e pimenta], nem sal, com estarem junto do mar, e se lho dão do reino, comem-no. O peixe e a carne comem malcozidos; cozem o peixe sem escamar, e sem o lavarem, cosido em água chilra. ... Os pássaros, mal

depenados, abrem-nos pelas costas, e sem os lavarem os põem sobre as brasas. E assim os comem. Há muita caça, mas de preguiça a não vão matar. Os dias passados indo à caça pelo campo, mataram duas antas; e logo lá, cada um por onde pode corta; e pedindo-lhe um índio um pedaço para nós, respondeu-lhe o senhor da carne: - Também eu tenho boca como os Padres. E não a deu.” (Leite, 1940: 230-231).

“... os índios neste tempo comiam gesaras [palmito?] com peixe e mexilhões. E o que tinha algumas folhas de mandioba, e alguns olhinhos de abóbora tinha que comer.” (Leite, 1940: 219-220).

“Não comem farinha ralada, nem têm espremedores, nem tatapecoabas [abano de fogo], nem o sabem fazer. A mandioca, depois de estar podre, trazem-na da roça. E fazendo uma nova cova na areia, do tamanho de meio barril, fora de casa, põem-lhe umas folhas debaixo e ali a botam; e toda a que cai na areia com a mesma areia a botam com a outra; e quando cansam põem o pilão na areia; tornando a socar leva uma boa quantidade de areia, com outras sujidades que não são para escrever; e, coberta com umas folhas e com areia a deixam daquela maneira, e pouco a pouco a vão tirando; e, pisando-a em um pilão a desfazem e põem em uma urupema [peneira] ao sol e depois a cozem, mal cozida, e às vezes depois de cozida, vem pedaços tamanhos como a cabeça dum dedo, crus, que parecem minicurueras [raspa grossa] e com tanta areia, que se não fosse a necessidade, ou se houvera outra, ainda que não tão boa, se não comera.” (Leite, 1940: 233).

“O principal mantimento desta terra é uma farinha de pau, que se faz de certas raízes, que chamam mandioca, as quais são plantadas e lavradas a este fim, e se se comem cruas ou assadas ou cozidas, matam, porque é necessário deixá-las em água até que apodreçam, e depois de apodrecidas se fazem em farinha: este é o principal mantimento, com alguns legumes e folhas de mostarda.” (Anchieta, 1988: 136-137).

“... O seu fazer farinha é ainda mais sujo; ...” (Leite, 1940: 233).

“Há muito pouco mel; e pelo mesmo caso não há cera...” (Leite, 1940: 233).

“Mas o que se dá aos naturais é mandioca, feijões em grande cópia, milho, batatas, abóboras sem número de estranha grandeza, e estas são as maiores delícias dos Carijós, por que não somente as estimam por tais para seu mantimento, mas o que mais prezam são os cascos de certa casta delas, que fazem suas vasilhas, em que recolhem, bem como em pipas e tonéis, seu mantimento, e, como em caixas bem lavradas, todas suas alfaias. E estes vasos têm em tanta estima, que ao tempo que se embarcam, para se despedirem de sua pátria, estes são os grillhões, que mais os prendem e detêm, e antes deixarão um filho em terra que uma peça destas.” (Leite, 1945: 496).

“A caça, que a terra dá, é a mesma que em todo o Brasil, mas em toda a parte o Senhor tem seus servos, que o louvem e engrandeçam, aqui os traz em bandos e rebanhos pelos campos. As aves são menos das que o Brasil tem para o norte, nem se vestem de tão finas cores, nem são tão canoras no quebrar das vozes. Mas como são músicas do campo causam mais saudades que as dos matos.” (Leite, 1945: 496).

“De pescados são as águas mais estéreis, porque da Ilha de S. Catarina, correndo para o Sul, se acha muito menos em número e também menos gostoso no sabor; a causa deve de ser os grandes frios que o matam, porque na Laguna, onde passamos o mês de Julho e Agosto, descia pelos rios abaixo mui grande quantidade dele morto, sem outro anzol ou tresmalho que o rigor do frio; e aos cinco dias de

Agosto, dia da Senhora das Neves, sem milagre, apareceram as Serras cobertas dela com admiração dos mesmos naturais. E esta foi a causa de padecermos alguma falta no mantimento, porque se passavam às vezes três e quatro dias sobre uma ceia de peixe, primeiro que abrisse o tempo e o frio desse lugar a ir buscar outra. Nem havia com que ajudar a comer a farinha de guerra senão era água, que para se beber se punha aquecer ao sol ou ao ar do fogo.” (Leite, 1945: 496).

“E contudo ainda cuida que nesta esterilidade levávamos a palma a todos os manjares do mundo, por que todas nossas iguarias são palmitos, que são os olhos das palmeiras. ... Ainda que depois desta dureza, se desfazem todos em iguarias, por que, cozidos com a carne ficam nabos e couves; com o peixe ficam salsa; moídos e torrados são biscoito; e desfeitos em farinha ficam pão; comidos só no talo são regalo de toda a fruta; e, temperados com a fome, sabem a tudo.” (Leite, 1945: 496-497).

A disponibilidade de alimentos pode ser complementada pela relação de Henrique Montes, datada de 1527. Ela apresenta o rol de alimentos obtidos pela expedição de Sebastião Caboto (1526) por escambo com os Carijós de Ilha de Santa Catarina, segundo informações de UNESCO, 1999.

Aves: galinhas (200 exemplares), patos (80 exemplares) e perdizes grandes (200 exemplares). Mamíferos: antas, porcos monteses e porcos (queixada e caititu), tatus e veados. Répteis: iguanas. Ostras: mel e cera, palha e palmito. Cabaças, milho, mandioca e inhames.

Enrique Montes também fala de farinha de peixe, carne assada, carne seca e farinha de mandioca, pão de mandioca, além de bebidas fermentadas de milho e mandioca, feitas por mulheres.

Artefatos

Os dados explícitos sobre artefatos são poucos. Já se falou acima de cabaços, cuias e colares.

Em algum momento, nos textos citados, há menção a canoas indígenas, redes de dormir, tipoias, peneiras e pilão; em trechos não citados fala-se de cestos cargueiros, mas em outro texto sugere que a cestaria era pouco desenvolvida.. Mais objetos aparecem na festa da matança do prisioneiro: tripeça (assento), tacape, cordas, alguidares, gamelas, cuias, cabaças, cuiaba [porongo grande?], colares e adornos plumários.

Em nenhum momento ele menciona explicitamente a cerâmica, mas deve supor sua existência quando fala de cozinhar os alimentos e de vinhos, que precisam ser fermentados. Ele poderia ter mencionado a cerâmica ao falar dos mortos na epidemia de sarampo, que dizimou o grupo de Terreiro Espantoso no espaço da Missão, mas não o fez.

Sociabilidade: bebedeiras, sacrifício de prisioneiro

A elaborada descrição da matança do prisioneiro, transcrita abaixo, impressiona como um clichê, que se aplica aos grupos do litoral, sem ter sido, necessariamente, presenciada pelo missionário entre os Carijós de Santa Catarina. O missionário que descreve a cena esteve por mais tempo entre outras populações indígenas adeptas do mesmo ritual e, em vez de uma descrição do presenciado no local, apresenta elaborado discurso cheio de referências desnecessárias, mas que impressionaria os seus conterrâneos.

“De nenhuma qualidade convidam uns aos outros, nem ainda aos que vêm de fóra. E assim quem há-de caminhar há mister que leve com que compre o que há-de comer, porque nem aos próprios parentes e da sua casa hão de dar nada sem trôco.” (Leite, 1940: 231).

“... é coisa mui notável, não pelejam entre si; e, posto que são muito amigos de vinho, não se embebedam, antes bebem com tanta quietação que cem destes não fazem a matinada que lá fazem quatro, e estando uma casa cheia deles, bebendo, parece que não está ali ninguém. Todos estão assentados, quando estão bebendo, tirando alguns moços e meninos, que andam bailando e cantando: quando vêm de fora, que hão de beber, já de lá vêm todos enfeitados e empenados; e chegando perto das casas, lançam a correr com quanta veemência podem, e com grandes gritos, sem terem de ver com nada, até o lugar aonde está o vinho. E cada um tem sua tripeça, em que está assentado, e sua cuiá, e um índio anda com uma cuiaba [cuiá grande?] cheia de vinho, e, com outra pequena, vai lançando nas cuiás, que eles têm na mão, quantidade de um ovo; e assim nunca se embebedam. As índias não bebem...” (Leite, 1940: 239).

“No comer carne humana não há que falar, pois, que pela comer, vendem seus parentes, e são nisso peiores que as mesmas onças; no matar dos tapuias são crudelíssimos. E nos que trazem a suas aldeias neles fazem seus filhos cavaleiros, scilicet, um índio grande lhe dá a primeira no toutuço, derribando-o. E isto com muitas festas, e muitas cerimônias. E depois de caído no chão, todos os meninos de seis, 7, 8, 9 anos, às pancadas, com a espada, lhe estão quebrando e machucando a cabeça e tomando nome. O que acabado sarrafam os pobres moços, ..., e os escalam desde o pescoço, até as nádegas, com grandíssima crueldade. E daí a um ano, pouco mais ou menos, jejuam todos os dias, não comendo carne, nem peixe, nem pássaros senão alguns legumes, sem cortar o cabelo, o que acabado, com grandes festas e ajuntamentos, enfeitam aos moços, carregam-nos de contas. E fazem seus vinhos. E daí por diante ficam cavaleiros e desobrigados do jejum.” (Leite, 1940: 240-241).

“... Depois de preso, o cativo é logo levado à povoação do maior principal, onde em lugar de grilhões, é entregue a uma carcereira, que em tudo o bem trate, e lhe não seja molesta em coisa alguma. A esta se assinam [associam?] caçadores e pescadores, que com todo o cuidado a sirvam de caça e de pescado, para que ela possa dar o seu prisioneiro muito melhorado em carnes do que se lhe entregara, para o dia que se haja de aparecer nestoutra Babilónia, não mais airoso nas cores e feições aos olhos do rei pagão, senão mais saboroso aos dentes carniceiros destes tigres. Mas nem o preso, por se ver nestes transes, está tão observante, que peça ser provado nos legumes, antes sem muito sentimento da morte, que cada hora espera, aceita o manjar que melhor lhe sabe, e que pudera comer no tempo dos maiores passatempos. Assim se vai cevando este animal do Pródigo até se julgar que já está de vez para poder fazer umas boas sopas; então, alguns dias antes, se faz a saber pelas povoações circunvizinhas o dia da festa, para que todos molhem a sua, e se achem presentes a tão grande regozijo, sob pena de incorrer em foro de avaros os que não convidam, e em descrédito de malcriados os que não acodem à solenidade, posto que os segundos nunca incorrem nas tais censuras.

Presentes já uns e outros, sai aquele soldado, que há-de matar o cativo, a um grande terreiro, trilhando muito grave, cercado dos parentes e amigos para se armar cavaleiro. Mas sem saber o bárbaro o que faz, onde vai, nem quem o leva, é certo que no dia de sua maior glória se veste todo de penas, das quais, assim das que voam como das que magoam, esta Província é tão pródiga, que parece que todo

seu emprego pôs em penas; e para que as das aves peguem no corpo do gentio é primeiro todo embalsamado, sem impedimento das roupas (porque nenhuma leva), das pontas dos pés até às grenhas da cabeça, donde começa a correr o esmalte para a terra, das quais umas ficam à vontade dos ventos ondeando, outras fixas nas partes principais do corpo, como é na cabeça, que leva coroada de um alto diadema da cor da guerra, a cuja vista a púrpura e a escarlata ficam pálidas. Logo, do pescoço se pendura dois colares do mesmo metal a tiracolo, encontrados, que morrem na cintura. Os braços pelos ombros, cotovelos e nos pulsos, cobrem seus encocados à feição de uma grande pinha, mas nestes estão mais bastas as penas que os pinhões naquela; logo pela cintura o aperta uma mais larga zona, da qual se dependura até os joelhos um mui largo faldrão da mesma seda, a modo trágico, que não faz menos roda que um chapéu de sol; mas nem por ficarem cobertos com este, carecem os joelhos de sua guarnição na mesma parte; e naquela que entre nós cobre a meia, também eles a tecem de seus recamados da seda mais fina com que as aves vestem os papos e com os demais primores que a elas lhes nascem pelos colos, a eles lhes vêm nascendo nos artelhos. Assim se veste o combatente e quase assim se arma, porque nas mãos uma mui grande maça, à maneira das de ferro, com se combatiam os cavaleiros antigos, a qual da empunhadura até à parte mais grossa, com que fere, vai toda guarnecida das mais polidas penas, mas nem por isso leve; porque sempre a fazem do mais rijo e pesado pau dos matos, que eles têm, que se iguala ao mesmo ferro. Assim se apresenta o gentio gentil-homem e aos olhos dos seus tão aceito e airoso como aos de Deus abominável. Entretanto, vem saindo o preso que há-de ser sacrificado, o qual, se é generoso, também para mostrar que não morre acobardado, sai todo guarnecido de penas pelo corpo, para que vejam seus amigos as poucas que leva na alma. Vem ele atado com duas cordas pela cinta, pelas quais tocam em contrárias partes dois robustos mancebos para que não fique lugar ao touro de poder investir a quem lhe vai fazer a sua sorte. Os braços leva soltos para com eles tomar os golpes que seu contrário lhe atira, a quem às vezes cativa o arnês com muita graça e ligeireza; nestes golpes fingidos se vão detendo para entreter os circunstantes a quem saltam os olhos fora da cabeça por verem já partir a do preso em pedaços, o que o contrário faz com a última pancada com que o fere e os bárbaros com gritos ferem o céu. Eis aqui donde tomaram o nome, e porque se chamaram tais, os cativos das cordas.” (Leite, 1945: 510-511).

“...logo que o miserável preso vai saindo de casa para a morte, o vão receber à porta seis ou sete mulheres mais feras que serpentes e mais imundas que as Harpias, tão envelhecidas no ofício como na idade, que passa às vezes de cento e vinte anos, cobertas das mesmas roupas que nossos primeiros pais vestiam antes de as tomarem da figueira. Sabem dos lavores que a velhice lavra na cortiça de tão comprida idade; elas, para saírem mais engraçadas em dias tão solenes, se pintam de um verniz vermelho e amarelo, que lançado por cima do manto natural, sem outro pincel que os dos cinco dedos espalhados, bem se deixa julgar as cores e matizes que tais Apeles debuxarão sobre as peles do diabo, pois nelas revestido lhe faz cingir pelos pescoços e cinturas muitos e mui compridos colares, dos dentes enfiados, que tiraram das caveiras dos muitos mortos, que em tal acto comeram; as quais, para recrearem mais o povo, vão cantando e dançando ao som dos alguidares e gamelas, que levam nas mão para nelas trazerem o sangue e as mais entranhas daquela rês, chegando-se a ele, fazendo-lhe os gestos e caretas, que de tão boas caras se esperam, pois a graça das danças, mudanças, continências, e trespassos, eu as deixo à consideração de quem sabe quão ligeiros se movem

cento e vinte anos sobre um corpo; da música sei eu decerto que mais estimam os passos da garganta que descem em bocados para o ventre, que não os que sobem em quebrados para os ouvidos. E seja juiz disto o principal, que já está feito almotacel, repartindo as carnes do corpo morto, mandando-o dividir em tão miúdas partes, que todos possam alcançar uma fêvera daquele cação. E é tanto isto assim, que me afirmaram uns índios antiquíssimos, que como era impossível poderem tantas mil almas alcançar a provar da carne de um só corpo, se cozía um dedo da mão ou do pé em um mui grande assador, onde se estava diluindo, e depois se repartia aquela água em tão pequena quantidade a cada um, que pudesse dizer com verdade e abonar sua valentia, que já bebera da água onde se tinha cozido a carne de seu contrário; e quando algum principal, ou por enfermidade ou pela grande distância do lugar que era às vezes de cento e cinquenta léguas, se não podia achar presente, lá se lhe mandava o seu quinhão, que ordinariamente é uma mão do defunto, e com ela se faziam novos de velhos e mancebos muito milhares, cozida e dilida pelo modo que atrás disse; e quando eu fui três vezes em missão aos Guaitacases me afirmaram os Tamoios, que eram os maiores contrários (512) que tinham os Guaitacases, que muitas vezes mandarem eles algumas mãos destas pelo sertão dentro mais de trezentas léguas, em abonação de seu grande esforço, e parece que na mão de um corpo humano acham estes desumanos mais gosto e sabor que em outra alguma parte, porque a mim me contou um nosso Padre antigo e muito grande língua, que estando no sertão, em uma aldeia, fora visitar uma índia gentia, mas grande sua benfeitora, a qual estava muito enforma e no cabo, mais dos muitos anos que tinha, que não das dores que padecia.” (Leite, 1945: 513).

Xamãs

Com relação às crenças indígenas o missionário se detém na descrição do que chama feiticeiros.

“São ... os Carijós sobre as mais nações Brasis muito dados ao vício da feitiçaria, para que é de saber que há três gêneros de feitiçarias:

O primeiro, é o comum de todas as nações, nas quais para o feiticeiro ganhar sua vida e adquirir nome e fama para os seus, finge que tem virtude no chupar com a boca e beiços e sorver para si todo o mal que um corpo tem; ... A este gênero de feiticeiros chamam eles Pajé angaíba [espírito ruim].

O segundo gênero é daqueles, que ou por ódios ou por inveja ou porque assim lhe persuade o diabo, matam com feitiços a quantos os aplica, e é desta maneira: Primeiramente o mesmo diabo depois de os persuadir que matem aquelas pessoas que malquerem, lhes fazem umas covas debaixo da terra na casa daquela pessoa que há-de morrer da peçonha. Estas covas faz o diabo muito subtilmente em forma esférica à feição do globo de uma garrafa perfeitamente redonda e as covas em grande número, com um rasto e serventia aberta de umas às outras por onde comuniquem. Também lhe abre o diabo estas covas nos caminhos, que mais frequenta, e nas fontes onde vai buscar água aquela pessoa que há-de ser enfeitiçada. Nesta cerimônia concorre o feiticeiro só em colocar com suas mãos, e meter nas covas, as relíquias e sobejos do prato ou da mesa, que ficaram à pessoa que há-de padecer os tais feitiços; estas relíquias são ordinariamente as espinhas do peixe, os ossos da carne, que ficaram das iguarias, as quais o diabo traz ao feiticeiro para que ele por sua mão as meta dentro das covas, as quais se não tocar o feiticeiro, não têm eficácia nenhuma para matar; também o diabo lhe traz um sapo

ou uma cobra, ou outro bichão semelhante, o que o feiticeiro prende e ata a qualquer pé de árvore e assim como o bicho por falta de mantimento vai desfalecendo e perdendo as forças, assim aquela pessoa, por quem se aplica este feitiço, se vai secando com grandíssimas dores até que de todo se adelgaça tanto que acaba a vida. A estes feiticeiros aparece o diabo, e trata com eles em figura de um menino etíope, feio e torpe, mas a eles muito amável e gracioso. (Leite, 1945: 499-500).

Considerações finais

Os relatórios missionários, mesmo quando tratam de costumes indígenas, não devem ser tomados como resultado de pesquisa etnográfica, porque eles não foram escritos com tal objetivo. A etnografia, como ciência, vai aparecer mais de um século depois. Para utilizar corretamente seus dados é preciso olhar para a identidade de quem escreve (um missionário, nascido e criado em Portugal), sua formação (humanidades e teologia), seu objetivo (informar sobre suas atividades missionárias), as circunstâncias locais (competição entre catequese e escravização dos índios), para quem (superiores e colegas), caráter do texto (carta ou relatório), estilo (coloquial ou literário). Os conteúdos transmitidos foram selecionados dentro desta perspectiva.

Tomando estes cuidados, os relatos missionários são úteis para melhorar o entendimento dos sítios e materiais arqueológicos, especialmente quando existe continuidade histórica entre os sítios estudados e os costumes descritos. A comparação serve para preencher lacunas em nosso conhecimento e pode nos surpreender com descobertas insuspeitadas. Mas não convém esperar respostas para todas as nossas curiosidades, nem que as descobertas sejam totalmente corretas.

Em nosso projeto de pesquisa do Guarani do vale do rio dos Sinos pretendemos utilizar a informação dos missionários para construir uma imagem mais viva e completa da ocupação e da vida indígenas.

Agradecimento: Ao IPAT – Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas, da UNESCO, pela autorização de usar dados inéditos do Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da ZPE Imbituba, SC.

Referências

- ANCHIETA, J. de. 1988. *Cartas, Informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia e USP.
- BECKER, J.L. *O homem pré-histórico no litoral norte, RS, Brasil. De Torres a Tramandaí*. Torres: Graf; e Ed. TC, 1 (2007); 3 (2008).
- CARLE, M.B. 1998. Análise do material cerâmico guarani de Povo Novo, Rio Grande/RS. *Histórica. Revista da Associação de Pós-Graduandos em História – PUCRS*, Vol. 3: 33-44.
- CARLE, M.B.; SANTOS, M.L.N. 2000. Diagnóstico realizado para a verificação da área de instalação e distrito automotivo do município de Guaíba: caracterização arqueológica, histórica e cultural. *Revista do CEPA*, 24 (32): 41-58.
- DIAS, A.S. 2003. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. (Tese de Doutorado). São Paulo: MAE/USP.
- DIAS, J.L.Z. 2016. A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do médio vale do rio dos Sinos e do vale do rio Paranhana. *Pesquisas, Antropologia* 72: 99-149.
- DIAS, J.L.Z. 2015. *A ocupação pelos grupos ceramistas das tradições Taquara e Tupiguarani do médio vale do rio dos Sinos e do vale do rio Paranhana*. (Tese de doutorado). São Leopoldo: Unisinos.

- FRANZEN, B.V. 1998. *Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640), um estudo comparativo*. (Tese de doutorado). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- GAULIER, P.L. 2001-2002. Ocupação pré-histórica Guarani no município de Porto Alegre, RS. Considerações preliminares e primeira datação do sítio arqueológico RS-71-C, da ilha Francisco Manuel. *Revista de Arqueologia* 14/15: 57-73.
- GAZZANEO, M. 1990. Restos de alimentos no sítio Itapoã. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 4: 131-135.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P. 1989. *Cerâmica guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura.
- LEITE, S. 1945. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. VI. Do Rio de Janeiro ao Prata e ao Guaporé, estabelecimentos e assuntos locais, século XVII-XVIII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália.
- LEITE, S. 1949. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, vol. VIII. Relação da Província do Brasil, 1610. P. Jácome Monteiro. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, p. 393-425.
- LEITE, S. 1940. *Novas cartas jesuíticas (De Nóbrega a Vieira): A missão aos Carijós, 1605-1607 – Relação do P. Jerônimo Rodrigues*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 196-245.
- LINO, J.T. 2007. *Arqueologia guarani na bacia hidrográfica do rio Araranguá, Santa Catarina*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: URGs.
- MENTZ RIBEIRO, P.A. 1968. Os sítios arqueológicos do vale do rio Caí. *Pesquisas, Antropologia* 18: 153-169.
- MENTZ RIBEIRO, P.A.; PENHA, M.A.P.; FREITAS, S.E.; PESTANA, M.B. 2004. Levantamentos arqueológicos na porção central da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista de Arqueologia* 17: 85-100.
- MERGEN, N.M.; SCHMITZ, P.I. 2016. Pesquisas arqueológicas pioneiras no Litoral Norte gaúcho. *Pesquisas, Antropologia* 72: 151-184.
- MILHEIRA, R.G. 2008. *Território e estratégia de assentamento guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste/RS*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP.
- MILHEIRA, R.G. 2008. Um modelo de ocupação regional Guarani no sul do Brasil. *Revista do MAE /USP* 18: 19-46.
- MILHEIRA, R.G. 2010. *Arqueologia guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. (Tese de Doutorado). São Paulo: USP.
- MILHEIRA, R.G. 2014. Arqueologia e história Guarani no Sul da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste. In: R.G. Milheira; G.P. Wagner (org.) *Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil*. Curitiba: Editora Appris, pp. 125-153.
- MILLER, E.Th. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publ. Av. M. Pa. Emílio Goeldi* 6: 15-38.
- NEUMANN, M.A. 2014. A cerâmica Guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. In: R.G. Milheira; G.P. Wagner (org.) *Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil*. Curitiba: Editora Appris, pp. 63-80.
- NOELLI, F.S. 1993. *Sem Tekohá não há Tekó*. Em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PUCRS.
- NUNES, J.A.; SCHMITZ, P.I. 2017. O Guarani no Alto Vale do Rio dos Sinos: um panorama da implantação do grupo. In: *Estudos Históricos Latino-Americanos: conexões Brasil e América Latina*. São Leopoldo, pp. 29-43.
- PESTANA, M.B. 2007. *A tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. (Dissertação de mestrado). São Leopoldo: Unisinos.
- PORTO, A. 1943. *História das Missões Orientais do Uruguai*, vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.
- RIZZARDO, F.M. 2017. *Sepultamentos dos mortos entre antigas populações do tronco Tupi: confrontando arqueólogos e cronistas quinhentistas*. (Dissertação de mestrado). São Leopoldo: Unisinos.

- ROGGE, J.H. 2014. Assentamentos litorâneos da tradição Tupiguarani: um exemplo do Litoral Central do Rio Grande do Sul. *In: R.G. Milheira; G.P. Wagner (org.) Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil*. Curitiba: Editora Appris, pp.115-121.
- ROHR, J.A. 1969. Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna. *Pesquisas, Antropologia* 22: 1-37.
- ROSA, A.O. 2006. Análise preliminar dos restos faunísticos do sítio RS-LC-80: uma ocupação Tupiguarani. *Pesquisas, Antropologia* 63: 249-258.
- ROSA, A.O. 2010. Arqueofauna de um sítio de ocupação pré-histórica Guarani no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 68: 109-119.
- SCHMITZ, P.I. 1958. Paradeiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). *Pesquisas* 2: 113-143.
- SCHMITZ, P.I.; SANDRIN, C. 2009. O sítio Lagoa dos Índios e o povoamento guarani da planície costeira do Rio Grande do Sul. *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. Documentos* 11: 89-134.
- UNESC. 1999. *Projeto de salvamento arqueológico da ZPE Imbituba*. Relatório Final. IPAT – Instituto de Pesquisas ambientais e Tecnológicas, Criciúma, SC.
- WAGNER, G.P. 2004. Ceramistas pré-coloniais do Litoral Norte. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: PUCRS.
- WAGNER, G.P. 2014. O povoamento Guarani do Litoral Norte do Rio Grande do Sul e suas relações com os demais ocupantes da região. *In: R.G. Milheira; G.P. Wagner (org.) Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil*. Curitiba: Editora Appris, pp. 39-62.